IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

EPISÓDIOS NARRATIVOS SOBRE PRECONCEITO DE GÊNERO E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE MULHERES LÉSBICAS

Eixo Temático 28 - Narrativas, Gêneros, Sexualidades E Educação: Encontros Insurgentes

Juliana de Castro Silva[1]
Gerlândia de Castro Silva Thijm[2]
Larissa Fonseca Costa[3]
Amanda da Costa Chaves[4]

RESUMO

O trabalho aborda a trajetória escolar de mulheres lésbicas com intuito de descrever o modo e a incidência de práticas preconceituosas envolvendo orientação sexual e identidade de gênero. Foi realizado um levantamento a partir de pesquisa narrativa, cuja análise tem orientações foucaultianas. Os resultados demonstram diversas situações de preconceito, discriminação e assédio evidenciando os obstáculos enfrentados por meninas e mulheres em contextos educacionais e revelam a maneira como a sociedade, frequentemente tenta impor, de forma sutil, a performatividade heteronormativa por meio de gracejos e falsas brincadeiras. Compreende-se ser fundamental que as escolas se tornem espaços de acolhimento, onde as diferenças de gênero e sexualidade sejam problematizadas e visibilizadas.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres Lésbicas, Preconceito, Trajetória Escolar.

INTRODUÇÃO

Ao compreender o gênero como construção social e cultural de masculinidade e feminilidade atravessadas por relações de poder que colocam em questionamento as referências às diferenças biológicas dando visibilidade aos aspectos culturais, este trabalho aborda a trajetória escolar de mulheres lésbicas, estudantes de graduação, com intuito de dizer sobre o modo e a incidência de práticas preconceituosas envolvendo orientação sexual e identidade de gênero no seu processo formativo e descrever o efeito que tais práticas produzem sobre os corpos nos tempos-espaços deslocados em narrativas.

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, julianasilva.jc100@gmail.com;
[2] Doutora docente Curso de Matemática da Universidade Federal do Pará- UFPA, gerlandia@ufpa.br;
[3] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, larissafonse2002@gmail.com;
[4] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, amandacostachaves15@gmail.com.

O percurso formativo de estudantes começa bem antes de elas entrarem na universidade e a incidência práticas violentas para garantir a heteronormatização sobre seus corpos também vem do seu percurso desde a escola básica. Por isso, essa discussão torna-se tema urgente para a construção de um ambiente educacional inclusivo, problematizador e livre de preconceitos.

Apesar dos avanços recentes nas últimas décadas, com a aprovação de leis e a luta incansável de diversos movimentos sociais, ainda são concretas e rotineiras as situações vivenciadas por meninas e mulheres estudantes pertencentes a minorias sexuais e de gênero.

Na pesquisa narrativa que gerou este texto, cuja análise tem aproximações e afastamentos das teorizações foucaultianas, recortam-se episódios narrativos e enunciados relacionados a percursos formativos na escola básica que trazem, como principais resultados, diversas situações de preconceito, discriminação e assédio evidenciando os obstáculos enfrentados por meninas e mulheres em diferentes contextos educacionais e circunscrevem a maneira como a sociedade, frequentemente tenta impor, de forma sutil, a performatividade heteronormativa por meio de gracejos e falsas brincadeiras, ou, igualmente danoso, tenta-se violar e violentar alegando-se que não é sim.

Nesse sentido, é urgente que a escuta das experiências de mulheres lésbicas seja valorizada como parte fundamental do fazer pedagógico e da formação docente. Ao trazer essas narrativas para o centro do debate, rompemos com a lógica da neutralidade e assumimos uma postura ética e comprometida com a justiça social, capaz de transformar os espaços educativos em territórios de liberdade, respeito e pertencimento.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para compor as narrativas o trabalho se aproxima, mas também se distancia da análise das práticas discursivas de bússola foucaultiana, pois pondera alguns elementos desta análise que permitiram a captação de enunciados contidos formações discursivas conduzida a multiplicações de acontecimentos. A pesquisa narrativa aqui adotada é mais inventiva do que descritiva. É mais deslocada do que linear.

Transita-se pelo pós-estruturalismo e, por isso, aposta na investida de problematizar os regimes de verdades estabelecidos e os discursos comuns, despreocupados e descomprometidos, lançando à linguagem a tarefa de problematizar-se. Poder e verdade são, portanto, deslocados e as identidades construções sociais.

O trabalho de ajuntamento de enunciados para este texto, resultou em visibilizar o interior de assentadas formações discursivas considerando o conjunto de relações que determina a sua existência e como os enunciados se apresentam, se distribuem e se relacionam.

O modo como se capturou a discursividade foi com o trabalho por meio de narrativa com meninas e mulheres participantes de um projeto de misto que envolve pesquisa e extensão que estuda a perspectiva de meninas e mulheres para o prosseguimento de estudos no Ensino Superior que começa no Ensino Médio e alcança a universidade.

No tocante à pesquisa, uma rede construída com estudantes de graduação conseguiu agregar um número significativo de estudantes e a formação de um grupo focal. Para o recorte aqui apresentado, o grupo focal considerou a narrativa de oito meninas e mulheres.

As sessões iniciaram com o grupo maior, apresentação de textos temáticos, sensibilizadores e o convite para a atuação nas etapas seguintes do projeto.

Após assinarem o termo de livre consentimento para participação nas etapas de pesquisa, procedeu-se com a sequência, primeiro em 4 encontros com que iniciavam com a) etapa de sensibilização ao debate (que poderia ser um curta-metragem, um vídeo, um texto, uma notícia de jornal); b) etapa de questionamentos, seguindo um protocolo semiestruturado, para as provocações e c) conversa livre, em que, sem condução, as participantes dialogavam.

Os encontros seguintes não estavam previstos no projeto, mas foram solicitados pelas participantes: foram mais quatro sessões, desta vez com a presença de uma pedagoga e uma psicóloga, também sugeridas pelas participantes.

Após a transcrição, efetivou-se o trabalho de análise.

REFERENCIAL TEÓRICO

Falar sobre gênero e sexualidade na escola ainda é um tabu, mesmo diante dos avanços conquistados por meio das lutas e articulações de diversos movimentos sociais. No caso das mulheres lésbicas, essa discussão se torna ainda mais urgente, pois sua trajetória educacional é

marcada por múltiplas camadas de invisibilidade, preconceito e exclusão. A vivência no ambiente escolar, muitas vezes hostil, revela não apenas a ausência de políticas eficazes de proteção, mas também uma cultura que insiste em silenciar corpos e identidades dissidentes.

Embora o movimento LGBTQIA+ tenha conquistado importantes reconhecimentos em termos de direitos civis e promoção da igualdade, o cotidiano educacional das mulheres lésbicas ainda está longe de refletir esses avanços. A presença dessas identidades nas escolas é frequentemente tratada com desprezo, piadas, estigmas ou completo apagamento. Faltam representações positivas, espaços de escuta e, sobretudo, segurança para que essas alunas possam ser quem são sem medo de julgamento, assédio ou violência.

Quando se observa o panorama das leis e políticas públicas voltadas à proteção da diversidade, percebe-se que são poucas as que abordam de forma específica a realidade das mulheres lésbicas — e, quando existem, sua aplicação costuma ser ineficaz ou ignorada. Essa negligência institucional reflete uma resistência histórica da sociedade em reconhecer a pluralidade das experiências femininas, especialmente quando essas experiências rompem com a norma heterossexual e patriarcal.

Além disso, o debate sobre sexualidade e gênero ainda enfrenta fortes barreiras dentro do contexto escolar. Em muitas instituições, falta formação adequada para os profissionais da educação, e o assunto é tratado como algo "proibido" ou "inadequado" para o ambiente escolar. Isso contribui para a perpetuação de práticas discriminatórias e para a exclusão de alunas lésbicas dos espaços de participação, decisão e convivência.

Silva (2024) contribui com essa discussão ao afirmar que:

> A sexualidade é uma condição humana natural, mas que também se constrói socialmente e tem, portanto, caráter histórico. [...] O conceito de gênero está ligado a uma construção social aprendida durante a vida [...] e remete à distinção pelas diferentes experiências entre os papéis sociais. Falar em gênero implica em adotar um olhar cultural e crítico.

Compreender a realidade das mulheres lésbicas na escola exige justamente esse olhar crítico. É preciso reconhecer como os lugares de gênero e as expectativas sociais impactam suas vivências, desde a invisibilidade até os casos explícitos de assédio e discriminação. A escola, enquanto espaço fundamental de formação, precisa superar essa lógica excludente e se tornar um território de acolhimento e emancipação.

Discutir gênero e sexualidade nas escolas, com atenção às especificidades das mulheres lésbicas, é um passo essencial para romper com estigmas e construir um ambiente educacional mais justo, diverso e respeitoso. A educação tem o poder de transformar realidades — e essa transformação começa com o reconhecimento da dignidade de todas as existências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As formações discursivas e os enunciados marcam situações de preconceito, discriminação e assédio vivenciadas por mulheres lésbicas ao longo de suas trajetórias escolares. Episódios descrevem como o espaço educacional, que deveria ser um ambiente de formação cidadã, respeito e acolhimento, ainda reproduz práticas que marginalizam e dessubjetiva identidades que fogem à lógica heteronormativa. A escola, em vez de promover segurança, muitas vezes se transforma em um lugar de medo e exclusão para essas estudantes.

Episódios sobre as etapas da vida escolar demarcados por preconceitos relacionados à orientação sexual, estão tatuados em todo o percurso formativos, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Essa reiteração é a marca de que o preconceito contra mulheres lésbicas está presente no cotidiano escolar e afeta diretamente seu bem-estar, autoestima e permanência nos estudos.

A seguir, são apresentados trechos enunciativos que revelam essas vivências. Na formação discursiva do enunciado Y, por exemplo, observa-se como a hostilidade se apresenta de forma disfarçada, através de “piadas” que marcam violências profundas e cotidianas:

> *... muitas 'piadas' pesadas para o público LGBTQIA+, principalmente na infância, onde era mais 'normal', como chamar de bichinha. Em 2019, lembro que no meu grupo de amigas havia uma menina que dizia que eu deveria morrer ou que era nojenta por ser lésbica.*[5]

No enunciado produzido está presente o quanto o ambiente escolar pode ser bárbaro com mulheres lésbicas. Há uma naturalização de práticas ofensivas que rotulam e isolam, resultando em um sofrimento expresso e contínuo. Como destaca Louro (2009, p. 90-91), as normas de gênero e sexualidade são reforçadas nas práticas mais cotidianas, como os

[5] Formação discursiva representativa do enunciado Y.

comentários e comportamentos considerados “comuns”, mas que reforçam a exclusão de quem foge ao padrão dominante.

Nas formações discursivas W, X e Z é descrita a prática social da lesbofobia no ambiente escolar como traço e marca da violência de gênero:

> *Deixei de participar de muitos eventos da escola por medo de ser notada e taxada com adjetivos ofensivos, tanto em relação ao gênero quanto à sexualidade.*[6]
> *Não me sinto segura para denunciar, pois sempre pondero que ambos seremos colocados em uma balança, e, independente do ambiente, ela sempre pesa mais para o lado da mulher.*[7]
> *Eu sofria muito bullying durante todo o primário, fundamental e ensino médio por conta do meu jeito, com atribuições à minha sexualidade, sendo que eu nem entendia ou me entendia o suficiente para lidar com aquilo.*[8]

Os marcadores de existência ser lésbica na escola denota abrir mão da participação e da visibilidade para evitar a exposição e o julgamento. Além disso, os enunciados destacam o medo constante das represálias ao se tentar denunciar agressões, principalmente por serem mulheres.

A lesbofobia se manifesta de forma interseccional, onde o preconceito por ser mulher e por ser lésbica se soma, intensificando a vulnerabilidade.

Na formação discursiva K, a experiência com o que se denomina de *bullying*, ocorre reiteradamente, desde a infância, antes mesmo de a menina compreender sua orientação sexual, e demonstra como a escola contribui para o apagamento de identidades lésbicas desde cedo. Isso impacta profundamente a construção subjetiva dessas estudantes, muitas vezes gerando dessubjetivação da identidade de gênero.

Como afirmam Ferrari e Castro (2013), é fundamental que a formação docente vá além do domínio técnico e inclua uma abordagem crítica, voltada para o enfrentamento e visibilização dos preconceitos explícitos e para a promoção de uma educação concretamente inclusiva.

Os eventos aqui apresentados não apenas descrevem a presença da lesbofobia nos espaços escolares, mas também traçam a urgência de políticas educacionais que enxerguem e valorizem as experiências de mulheres lésbicas nos diferentes lugares sociais, e, principalmente no educacional.

---

[6] Formação discursiva representativa do enunciado W
[7] Formação discursiva representativa do enunciado X.
[8] Formação discursiva representativa do enunciado Z.

A invisibilização institucional diante dessas violências legitima a segregação e contribui para o apagamento dessas trajetórias.

Falar sobre isso é dar nome às violências e, sobretudo, reivindicar o direito à existência digna de todas as estudantes lésbicas nas escolas e universidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com nos enunciados apresentados e no interpelamento que eles promovem quanto ao debate sobre gênero, sexualidade e educação, é possível constatar que o preconceito e a discriminação contra mulheres lésbicas continuam sendo questões profundas e recorrentes no ambiente escolar.

A analise discursiva evidencia como essas atitudes impactam diretamente o processo de aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e a socialização dessas estudantes, que frequentemente enfrentam exclusão, invisibilidade e violência simbólica e verbal no cotidiano educacional.

A insegurança, o medo de represálias e a ausência de apoio por parte de educadores e da gestão escolar são fatores que contribuem para o afastamento dessas estudantes das atividades escolares, além de aprofundarem experiências de exclusão e isolamento.

Mulheres lésbicas deixam de participar de eventos ou sequer se sentirem seguras para expressar sua identidade dentro da escola, o que compromete diretamente sua vivência estudantil.

A persistência dessas atitudes discriminatórias é concreta e marca a urgência de uma transformação cultural nas instituições de ensino, que ultrapasse a mera tolerância e avance para práticas concretas de acolhimento, escuta ativa e respeito à diversidade e à diferença.

Essa transformação deve envolver não apenas a parcela de docentes, mas toda a comunidade escolar, em um processo de formação crítica concreta, empática e inclusiva.

Somente por meio dessa abordagem integral e sensível às múltiplas realidades é que a escola poderá, de fato, se constituir como um espaço seguro e de pertencimento.

Um lugar onde estudantes lésbicas possam transitar, produzir, sem sofrer discriminação, e possam pertencer com dignidade, autoestima e liberdade.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. “Quem está preparado pra isso?” ... Reflexões sobre a formação docente para as homossexualidades. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 295–317, 2013.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009. p. 85-93.

SILVA, Juliana de Castro et al... Diversidade de gênero e sexualidade no processo educacional: relatos e debates... In: **Anais do II Simpósio Nacional de Ensino, Pesquisa e Extensão e VII Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão** - SIEPEX/UFPA. Anais...Castanhal (PA) UFPA, 2024.